

# “Foram-se” (Gone)

texto por Maria Montero

A cidade estava fechada. Interditada. Proibida.

Na via que dava acesso à ela, dezenas de placas sobrepostas sinalizavam perigo. Não entre.

Ouviu que no estado do Colorado há mais de mil e quinhentas cidades fantasmas. Algumas se transformaram em locais turísticos. Alugou um carro e se aventurou por uma que não virou nada a não ser essa grande ruína de cidade, intacta, em estado absoluto de deterioração permanente.

Não encontrou alma alguma.

Vagos eram os motivos daquele êxodo.

Fato é que tudo estava apenas abandonado: casas, vidas passadas, cafés de beira de estrada.

Pela primeira vez na vida sentiu medo. Era estrangeira, estava só. Percebia estranhas ausências-presenças, ruídos. O calor e o vento confundiam ainda mais os sentidos.

Ouviu uma lista telefônica revirar suas páginas lentamente, uma a uma, como se alguém fisicamente viraesse suas folhas.

Mas não havia ninguém, além dela, naquela cidade.

Quase foi comida por um urso. Sentença que poderia fazer parte de mais uma de suas anedotas fantásticas.

Fernanda Chieco, desde seus primeiros trabalhos, se debruçou nos contornos (internos e externos) do corpo humano. Primeiro construiu objetos usando o desenho apenas para fins de projeto. Depois o traço foi criando autonomia e seus corpos desenhados conectavam-se através de estranhos dispositivos.

Seus avós eram cabelereiros, gosta de colher cabelos, olha com fixação para os ralos. Tem obsessão por banheiros e pela materialidade dos papéis.

Nas suas andanças visitou exposições de bactérias e de cabeças de uma tribo longínqua, que, se não me falha o entendimento, foram encolhidas por alguma técnica bizarra, porém, ainda assim, conservam seus cabelos. Com seus desenhos esmiuçou funções e disfunções do corpo humano: líquidos, peidos, seres que chupam luz vermelha.

Aos poucos seu universo fantástico foi habitando o papel na construção de narrativas improváveis que o desenho, assim como a literatura, possibilitam: corpos mesclar-se com elefantes, melancias, memórias, focas, línguas, cata-moscas, geléias, lobos e girafas; apenas para citar alguns de seus peculiares elementos-personagens.

Mas Chieco estava só, no meio do deserto e quase foi comida por um urso. Talvez por isso, nesse conjunto de trabalhos, a narrativa é a do abandono, da solidão, da ruína, dos zumbis, pessoas sem rosto e corpos sem contorno.

Retrato de uma cidade descartada pelo desuso.

Há, formalmente, algo importante que deve ser reconhecido. Em *Gone* (*Foram-se*) a artista abandona o grafite, seu maior aliado, e se utiliza da aquarela.

O desejo do contato com a água, em pleno deserto americano, parece ter-lhe indicado esse caminho. A cor, que sempre foi gradual e servia anteriormente para ressaltar volumes, aparece como ocupação cromática total, em contraste apenas com os espaços em branco deixados nos papéis.

É surpreendente o grande formato servir como tela para a aquarela, acostumada com tamanhos menores. O gesto não mais de exímia desenhista e sim de pintora deixa ver o passeio do pincel e do molhado da tinta.

Ao elaborarmos juntas essa primeira individual de Fernanda Chieco na Sé, vários caminhos poderiam ter sido tomados, pois, sua produção, além de vasta, é constante e diversificada.

Essa série, porém, nos pareceu apropriada, não só pelo ineditismo formal, mas pela proximidade apocalíptica de sua temática com o nosso momento presente.

O Brasil sofre do desprezo e do abandono de suas políticas. Falta água, falta recursos, falta caráter.

Nas minhas andanças pelo centro histórico da cidade, me pego divagando sobre essa cidade monstruosa que é São Paulo. Num breve devaneio, imagino o que seria dela caso esgotem-se as possibilidades de convívio.

Ouso imaginar sua falência.

Nesse caso, todo e qualquer bem adquirido, sejam casas, propriedades, carros, ou roupas não teriam serventia ao homem, seriam largadas sozinhas como nas cidades fantasmas americanas.

A cidade então, se preencheria de vazios e, quem sabe, receberiam o passeio corajoso de algum artista estrangeiro.

Transformariam-se em ruínas sem corpo, numa cidade de almas de concreto, aquarelada pelas poucas esperanças que ainda sustentamos.

*The city was closed. Off limits. Banned.*

*On the route in, dozens of boards, one on top of the other, signaled danger. Do not enter.*

*She had heard that in the state of Colorado there are over 1,500 ghost cities. Some had become tourist sites. She had rented a car and investigated one that turned out to nothing, only a great ruinous city, intact, in an absolute state of permanent deterioration.*

*She found no souls.*

*Vague were the reasons for that exodus.*

*In fact, it was all simply abandoned: houses, past lives, roadside cafés.*

*For the first time in her life, she felt scared. She was foreign, she was alone. She could feel strange absent-presences, sounds. The heat and the wind mixed the senses even further.*

*She heard the pages of a phone book flipping slowly, one by one, as if someone was physically turning them.*

*But there was nobody, apart from her, in that city.*

*She was almost eaten by a bear. A sentence that could have been part of one more of her fantastic anecdotes.*

*Fernanda Chieco, since her early works, had focused on the contours (internal and external) of the human body. First, she built objects using drawings exclusively for design purposes. Then her drawings gained autonomy and the bodies she drew connected through strange devices.*

*Her grandparents had been hairdressers and she liked collecting hair, looking fixedly down drains. She is obsessed by bathrooms and the material aspect of paper.*

*In her travels, she has visited exhibitions on bacteria and on the heads of a distant tribe chosen, if I am not mistaken, through some bizarre technique and, may it be said, still with their hair. With her drawings, she has detailed functions and dysfunctions of the human body: liquids, farts, beings that Guzzle red light.*

*Little by little, her fantastic universe took on the part of construction of improbable narratives that her drawing, as well as literature, could make possible: bodies are merged with elephants, watermelons, memories, seals, tongues, flycatchers, jams, wolves and giraffes; just to mention some of the peculiar character-elements.*

*But Chieco was alone, in the middle of the desert and had almost been eaten by a bear. Maybe that is why, in this set of drawings, the narrative was one of abandonment, solitude, ruin, zombies, faceless people and bodies without outlines.*

*The portrait of a city discarded from lack of use.*

*There is, formally, something important that should be recognized. In *Gone* (*Foram-se*) the artist abandons graffiti, her greatest ally, and makes use of watercolors.*

*The desire for contact with water, in the full-out American desert, seems to have shown her the route. Color, always gradual and previously used to stress volume, appears as a total chrome option, in contrast solely with the white spaces left on the paper.*

*It is surprising for the great format to serve as a screen for watercolors, commonly used to smaller sizes. The gesture, no longer of a proficient drawing artist, but as a painter, makes the travel of paintbrush and wet paint apparent.*

*On joint elaboration of this first individual exhibition by Fernanda Chieco at Sé, several routes could have been taken, as her production is not only vast but constant and diversified.*

*This series, however, seemed appropriate, not only due to the formal novelty, but due to the apocalyptic proximity of its theme with our present moment.*

*Brazil suffers with depreciation and abandonment of its policies. Water is lacking, resources are lacking, character is lacking.*

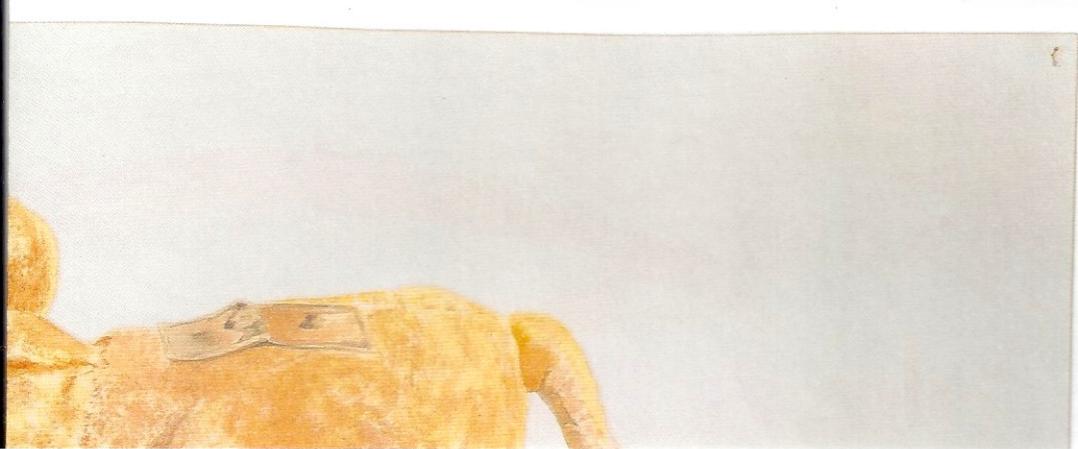
*In my walks through the historic center of the city, I find myself wondering about this monstrous city that is São Paulo. In a brief daydream, I imagine what would happen to it if the possibilities for coexistence came to an end.*

*I dare to dream its failure.*

*In this case, each and any goods acquired, be they houses, properties, cars or clothes, would be no good to man, they would be discarded, alone, as in the American ghost cities.*

*The city, therefore, would be full of emptiness and, who knows, would maybe be the setting for a brave outing by a foreign artist.*

*It would become ruins without bodies, in a city of concrete souls, watercolored by the few hopes we still maintain.*



**Fernanda Chieco**  
“Foram-se” (Gone)

Curadoria  
Maria Montero

Abertura  
**30.11.2014**  
**11h às 19h**

Visitação  
**4.12.2014 – 25.01.2015**

Quintas e sextas das 12 às 19h - Sábados das 12 às 17h  
ou com agendamento: [segaleria@gmail.com](mailto:segaleria@gmail.com)



**Artistas  
representados**

Dalton Paula  
Daniel Fagundes  
Daniel Murgel  
Deco Adjiman  
Fernanda Chieco  
Flora Parrott  
Gustavo Ferro  
Jurandy Valença  
Luiz Roque  
Pedro Victor Brandão  
Rafael RG  
Thiago Szmrecsanyi  
Traplev

**S  **

Rua Roberto Simonsen, 108 -  
Centro hist  ico - S   / São Paulo  
CEP 01017-020

+55 11 3107.7047

[www.segaleria.com.br](http://www.segaleria.com.br)